

IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA E O TERCEIRO SUBJUGADOR

Thomas H. Ogden*

Neste trabalho, a natureza da interação da subjetividade e intersubjetividade, específica da identificação projetiva, é discutida. Na identificação projetiva há um colapso parcial do movimento dialético da subjetividade e intersubjetividade individuais e, o resultado, é a criação de um terceiro analítico subjugador (dentro do qual as subjetvidades individuais dos participantes são, em grande parte, subsumidas). Um processo analítico bem sucedido envolve a superação do terceiro, e a reapropriação das subjetvidades (transformadas) pelos participantes com os indivíduos separados (e ainda assim interdependentes). Isto é conseguido através de um ato de reconhecimento mútuo que muitas vezes é mediado pela interpretação do analista a respeito de transferência e contratransferência, e pelo uso que o analisando faz da interpretação do analista.

Ainda estamos em um processo de descobrimento do que "significa" identificação projetiva; não que a Sra. Klein quisesse dizer tudo aquilo em 1946, conscientemente ou de outra maneira.

Donald Meltzer, 1978, p. 39.

Neste trabalho, apresentarei algumas reflexões sobre o processo de identificação projetiva como uma forma de terceiridade intersubjetiva. Em especial, descreverei a interação de subjugação mútua e reconhecimento mútuo que considero fundamental para este evento psicológico interpessoal.

Na obra de Klein (1946,1955), a identificação projetiva apenas implicitamente era um conceito psicológico interpessoal. Contudo, o conceito, conforme tem sido desenvolvido por Bion (1952, 1962) e Rosenfeld (1952, 1971, 1987), e ainda enriquecido por Grotstein (1981), Joseph (1987), Kernberg (1987), Meltzer (1966), Ogden (1979), O'Shaughnessy (1983), Segal (1981) e outros, assumiu um conjunto cada vez mais complexo de significados intersubjetivos e aplicações clínicas. O entendimento da identificação projetiva, conforme eu o proporei, está fundamentado num conceito de psicanálise como um processo no qual são geradas uma série de formas de "terceiridade" intersubjetiva, que estão em tensão dialética em relação ao analista e analisando como entidades psicológicas separadas. Na identificação projetiva, é gerada uma forma singular de terceiridade analítica na dialética da subjetividade e intersubjetividade, à qual eu me referirei como "o terceiro subjugador", já que esta forma de intersubjetividade tem o efeito de abrangerem si (em grande medida) as subjetvidades individuais dos participantes.

O Terceiro Analítico

Discuti a minha concepção do "terceiro analítico intersubjetivo" (ou do "terceiro analítico") em uma série de trabalhos recentes (Ogden, 1992, 1994a, 1994b). Em suma, vejo a experiência analítica como um processo no qual é criada uma nova subjetividade. Esta nova subjetividade (o terceiro analítico intersubjetivo), está em tensão dialética em relação às subjetvidades individuais do analista e analisando que estão envolvidos um com o outro numa forma de relacionamento que mutuamente estão criando, negando e preservando. O terceiro analítico não é visto como uma entidade estática e sim como uma experiência em evolução, que está em estado perpétuo de fluxo à medida que evolui a intersubjetividade do processo analítico e é transformada pelos entendimentos (interpretações) gerados por analista e analisando.

Ao mesmo tempo que o terceiro analítico intersubjetivo é criado pela interação dialética das subjetvidades de analista e analisando, analista e analisando (na qualidade de analista e analisando) são criados pelo terceiro analítico. Na falta do terceiro analítico intersubjetivo não há análise, e, portanto, nenhum analista ou analisando, apenas duas pessoas juntas numa sala.

O terceiro intersubjetivo é vivenciado através das subjetvidades individuais do analista e analisando, e, portanto, a experiência não é idêntica para cada um deles. Contudo, a experiência no e do terceiro analítico constitui a matriz intersubjetiva de significados nos quais se fundamenta todo entendimento analítico.

O Conceito de Identificação Projetiva

Emprego o termo identificação projetiva para referir-me a uma grande gama de eventos psicológicos interpessoais, inclusive as primeiras formas de comunicação mãe bebê (Bion, 1962), incursões coercitivas fantasiadas para dentro e ocupação da personalidade de outra pessoa, estados confusionais esquizofrênicos (Rosenfeld, 1952), e "compartilhamento empático" saudável (Pick, 1985, p. 45). (O entendimento da identificação projetiva que será apresentado, evoluiu no decorrer de uma série de trabalhos que escrevi nos últimos quinze anos [Ogden, 1978a, 1978b, 1979, 1980, 1981, 1982a, 1982b, 1984, 1985, 1986, 1988, 1989, 1994a, 1994b]. Nesses trabalhos há descrições detalhadas da fenomenologia de identificação projetiva.

Apesar da amplitude dos fenômenos psicológicos interpessoais abordados pelo conceito, vejo a identificação projetiva como uma forma discreta (ou mais precisamente, uma qualidade) da experiência intersubjetiva. A identificação projetiva não é uma experiência que ocorre isolada do resto da vida emocional do indivíduo. É uma qualidade da vida emocional que coexiste com uma multiplicidade de outras qualidades. Portanto, contribui para em lugar de definir; proporciona colorações para uma experiência de vida em vez de constituir uma experiência como um todo. Vejo a identificação projetiva como uma dimensão de toda a intersubjetividade, às vezes a qualidade predominante da experiência, em outras ocasiões apenas um fundo (segundo plano) sutil.

A identificação projetiva compreende narrativas inconscientes (simbolizadas tanto verbal quanto não verbalmente) envolvendo a fantasia de evacuar uma parte de si próprio para dentro de outra pessoa. Essa evacuação fantasiada serve tanto à finalidade de proteger-se dos perigos representados por um aspecto de si mesmo, como de salvaguardar uma parte de si mesmo depositando-a em outra pessoa que é sentida como sendo apenas parcialmente diferenciada de si próprio (Klein, 1946, 1955; veja também Ogden, 1992). O aspecto de si próprio, que na fantasia inconsciente "reside" na outra pessoa, é sentido como alterado no processo, e, em condições ótimas, imagina-se que seja "recuperada" em uma forma menos tóxica, sujeita a menos perigo.

Alternativamente, em condições patogênicas, a parte reapropriada poderá ser sentida como se tivesse sido amortecida, ou houvesse se tornado mais persecutória do que fora até aquele momento.

Inextricavelmente ligado a este conjunto de fantasias inconscientes há um conjunto de correlatos interpessoais às fantasias inconscientes (Bion, 1959; Joseph, 1987; Rosenfeld, 1971, 1987). A qualidade interpessoal do evento psicológico não resulta da fantasia inconsciente; a fantasia inconsciente e o evento interpessoal são dois aspectos de um único evento psicológico.

A faceta interpessoal de uma identificação projetiva envolve uma transformação do "receptor" de modo tal que o "ser Eu" do outro como sujeito é subvertido (por algum tempo e até certo ponto): "Você [o 'receptor' da identificação projetiva] é eu [o projetor], na medida em que eu preciso fazer uso de você com a finalidade de vivenciar através de você o que eu próprio não posso vivenciar. Você não é eu na medida em que preciso negar um aspecto de mim e, na fantasia, esconder me (disfarçado como não eu) em você." O receptor da identificação projetiva torna-se um participante na negação de si próprio como um sujeito separado, assim criando um "espaço psicológico" em si mesmo para ser (na fantasia inconsciente) ocupado (assumido) pelo projetor.

O projetor, no processo de identificação projetiva, entrou inconscientemente em uma forma de negação de si próprio como um Eu separado, e, ao fazê-lo, tornou-se outro- para si próprio: ele tornou-se (em parte) um ser inconsciente, fora de si próprio, que é simultaneamente eu e não eu. O receptor é e não é ele mesmo à distância. O projetor está se tornando alguém diferente do que tinha sido até aquele momento. A experiência do projetor de ocupar o receptor é uma experiência de negar o outro como sujeito e cooptar a subjetividade dele com a própria subjetividade, enquanto que a parte ocupadora do self do projetor é objetificada (vivenciada como um objeto parcial) e negada.

O desfecho deste processo de negação mútua é a criação de um terceiro sujeito, "o sujeito de identificação projetava", que ao mesmo tempo é e não é o projetor e nem o receptor. Assim, a identificação projetava é um processo através do qual a subjetividade, tanto do projetor como do receptor, está sendo negada de diferentes maneiras: o projetor está negando um aspecto de si próprio que ele imagina estar sendo evacuado para dentro do receptor, enquanto que o receptor está participando de uma negação de si próprio, através do render-se (criar espaço para) ao aspecto negado da subjetividade do projetor.

Não é suficiente dizer que a identificação projetava representa simplesmente uma forma potente de projeção ou identificação ou a somatória dos dois, já que os conceitos de projeção e identificação tratam apenas da dimensão intrapsíquica da experiência. A identificação projetava pode ser entendida, antes, apenas em termos de uma dialética de sujeitos mutuamente criadora, negadora e preservadora, cada um dos quais se permite ser "subjugado" pelo outro, isto é, negado de tal forma que, através do outro, se torne um terceiro sujeito (o sujeito de identificação projetava). O que é singular a respeito da identificação projetava como forma de relacionamento analítico é que a intersubjetividade analítica que a caracteriza é de um tipo onde a (assimétrica) subjugação mútua (que media o processo de criar uma terceira subjetividade), tem o efeito de subverter poderosamente a experiência do analista e analisando como sujeitos separados. No setting analítico, a identificação projetava envolve um tipo de colapso parcial do movimento dialético da subjetividade e intersubjetividade, resultando na subjugação (das subjetvidades individuais do analista e do analisando) pelo terceiro analítico. O processo analítico, caso bem sucedido, envolve a reapropriação das subjetvidades individuais do analista e analisando, que foram transformadas através de sua experiência de (no) terceiro analítico recém criado (o "sujeito de identificação projetava").

Pode-se pensar a identificação projetava como envolvendo um paradoxo central: os indivíduos engajados nesta forma de relacionar-se inconscientemente se subjugam a um terceiro intersubjetivo mutuamente gerado (o sujeito da identificação projetava), com a finalidade de livrar-se dos limites de quem eles tinham sido até aquele ponto.

Na identificação projetava, analista e analisando são, cada qual, limitado e enriquecido; cada qual é asfocado e vitalizado. A nova entidade intersubjetiva criada, o terceiro analítico subjugador, torna-se um veículo através do qual pensamentos podem ser pensados, sentimentos sentidos, sensações vivenciadas, os quais até aquele ponto haviam existido apenas como experiências potenciais para cada um dos indivíduos que participam neste processo psicológico interpessoal. A fim de ocorrer crescimento psicológico, deve haver superação do terceiro subjugador, e o estabelecimento de uma dialética nova e mais geradora de unicidade e dualidade, similaridade e diferença, subjetividade individual e intersubjetividade.

Embora Klein (1955) tenha focado quase diretamente a experiência da depleção psicológica envolvida em uma identificação projetava, agora se entende de modo geral que a identificação projetiva também envolve a criação de algo potencialmente maior e mais gerativo do que qualquer um dos dois participantes (isolados um do outro) é capaz de gerar. A vitalização ou expansão do sujeito individual não é exclusivamente um aspecto da experiência do projetor; o "receptor" de uma identificação projetiva não vivencia simplesmente o evento como uma forma de fardo psicológico no qual ele é limitado e amortecido. Em parte, isto se deve ao fato de que nunca há um receptor que não seja, ao mesmo tempo, um projetor em uma experiência identificatória projetiva. A interação de subjetvidades nunca é inteiramente unilateral: cada pessoa está sendo negada pela outra, ao mesmo tempo que está sendo novamente criada na tensão dialética singular gerada por ambos.

O receptor da identificação projetiva está engajado em uma negação (subversão) de sua própria individualidade, em parte com a finalidade inconsciente de romper os fechamentos subjacentes à coerência/estagnação do self. A identificação projetiva oferece ao receptor a possibilidade de criar uma nova forma de experiência que é outra para si próprio e desta forma cria condições para a alteração de quem ele fora até aquele ponto e quem ele tinha sentido ser. O receptor não está simplesmente se identificando com um outro (o projetor); ele está se tornando um outro e vivenciando (o que está se tornando) a si próprio através da subjetividade de um outro/ terceiro/ self recém criado.

Os dois sujeitos que entram em uma identificação projetiva (embora involuntariamente) tentam cada qual inconscientemente vencer (negar) a si próprios e, ao fazê-lo, abrem espaço para a criação de uma subjetividade nova, uma experiência de ser Eu (I ness) que cada indivíduo isoladamente não poderia ter criado para si próprio. Em certo sentido; participamos na identificação projetiva (muitas vezes apesar dos nossos mais vigorosos esforços conscientes de evitar fazê-lo) a fim de criarmos a nós mesmos em e através do outro que não é plenamente o outro; ao mesmo tempo, inconscientemente nos permitimos servir como o veículo através do qual o outro (que não é plenamente outro) cria-se como sujeito através de nós. De diferentes modos, cada um dos indivíduos que entra em uma identificação projetiva vivencia ambos os aspectos (ambas as formas de negar e ser negado) neste evento intersubjetivo.

Não é suficiente dizer simplesmente que, na identificação projetiva a pessoa se descobre a desempenhar um papel na fantasia inconsciente de outro (Bion, 1959). Em termos mais completos, a pessoa, inconscientemente, encontra-se ao mesmo tempo desempenhando um papel e servindo como autor da fantasia inconsciente de outra pessoa.

Na identificação projetiva, inconscientemente, a pessoa revoga uma parte da sua própria individualidade separada a fim de deslocar se além dos confins daquela individualidade: a pessoa se subjugua, inconscientemente, a fim de livrar se de si própria. A liberação gerativa dos participantes individuais do "terceiro" subjugador depende do ato de reconhecimento do analisando quanto à individualidade do analisando (e de si próprio) (por exemplo, por meio da compreensão e interpretação acurada e empática da transferência contratransferência) e pelo reconhecimento da individualidade do analista (e analisando) pelo analisando (por exemplo, através do uso da interpretação do analista pelo analisando).

A alegoria de Hegel (1807) sobre o senhor e o escravo (em particular conforme discutido por Kojève [1934 35]) proporciona uma linguagem e imagem vivas para a compreensão da criação e negação (a superação) do terceiro subjugador da identificação projetiva. Na alegoria de Hegel, no "início da história," no encontro inicial entre dois seres humanos, cada um sente que a sua capacidade de vivenciar o seu próprio "senso de Ser Eu" (I ness) a sua consciência do self, está de alguma forma contida no outro.

A consciência do self[sob forma rudimentar] é confrontada por outra autoconsciência; veio de dentro de si própria. Isto tem duplo significado: em primeiro lugar, perdeu a si próprio, pois se encontra como um outro ser; em segundo lugar, ao assim fazer, superou o outro, pois não vê o outro como um ser essencial, porém no outro [a princípio] vê [apenas] o seu próprio self. (Hegel, 1807, p. 111).

Cada indivíduo não pode simplesmente tornar se um sujeito auto consciente, ao verse no outro, isto é, projetando se para dentro da outra pessoa e vivenciando a outra como a si próprio. "Ele deve vencer o seu estar fora de si próprio" (Kojève, 1934 35, p. 13). Cada indivíduo está destinado a ficar fora de si próprio (alienado de si próprio), na medida em que o outro não "o devolveu" a si próprio reconhecendo o" (p. 13). é apenas através do reconhecimento por um outro que é reconhecido como uma pessoa separada (e ainda assim interdependente) que a pessoa se torna cada vez mais (autoreflexivamente) humano. Estar fora de si próprio (por exemplo, estar dentro do sujeito da identificação projetiva) apenas é uma forma potencial de ser. O ato de ter a si próprio "devolvido" pelo outro não é uma volta de si próprio a um estado original; antes, é uma criação de si próprio como um (transformado, mais plenamente humano, auto reflexivo) sujeito pela primeira vez. Uma dialética intersubjetiva de reconhecer e ser reconhecido serve como o fundamento para a criação de subjetividade individual.

Se há uma falha do reconhecimento de cada um pelo outro "o termo médio [a tensão dialética] entra em colapso" (p.14) "numa unidade morta" (p. 14) de ser estático, não-auto reflexivo. Cada um deixa sozinho o outro "como coisas" e não participa em um processo interpessoal onde cada qual "devolve o outro" para ele ou ela, criando assim a subjetividade individual. (é importante observar que o uso do termo e conceito intersubjetividade não é uma contribuição da psicologia contemporânea: em vez disso, é uma idéia que há séculos vem sendo usada na filosofia, da forma que acabo de descrever).

O projetor e o receptor de uma identificação projetiva são aliados inconscientes e involuntários no projeto de utilizar os recursos das suas subjetividades individuais e de sua intersubjetividade para escaparem ao solipsismo das suas próprias existências psicológicas separadas. Cada um deles circulou pelo reino de suas próprias relações de objeto internas, das quais mesmo o discurso intrapsíquico que denominamos "autoanálise" pode oferecer pouco em matéria de mudança psicológica duradoura, quando isolado da experiência intersubjetiva. (Isto não significa que a auto análise seja destituída de valor; antes, creio que tenha limitações severas quando isolada de esferas intersubjetivas tais como aquelas proporcionadas pela identificação projetiva). Os seres humanos têm uma necessidade tão profunda quanto a fome e a sede de estabelecer construções intersubjetivas (incluindo identificações projetivas) a fim de encontrar uma saída de andanças infundáveis e fúteis no seu próprio mundo de objetos internos. é, em parte, por este motivo que a consulta com colegas e supervisores desempenha um papel tão importante na prática da psicanálise.

A "aliança" intersubjetiva inconsciente envolvida na identificação projetiva poderá ter qualidades que os participantes sentem como sendo algo parecido com um seqüestro, chantagem, sedução, uma hipnotização, ser varrido pela atração assustadora irresistível de uma história de terror em curso, e assim por diante. Contudo, o grau de patologia associado com determinada experiência de identificação projetiva não pode ser medido pelo grau de coerção envolvido na subjugação fantasiada; em vez disso, a patologia na experiência de identificação projetiva é um reflexo do grau de incapacidade/indisponibilidade dos participantes de se libertarem mutuamente da subjugação do "terceiro" por meio de um ato de reconhecimento (muitas vezes mediado por meio da interpretação) da individualidade singular e separada do outro e de si próprio. (Naturalmente, o caráter de ser separado (separateness) sempre está em tensão dialética com a interdependência).

Summary

In this paper the nature of the interplay of subjectivity and intersubjectivity that is specific to projective identification is discussed. In projective identification, there is a partial collapse of the dialectical movement of individual subjectivity and intersubjectivity and a resultant creation of a subjugating analytic third (within which the individual subjectivities of the participants are to a large degree subsumed). A successful analytic process involves the superseding of the third and the reappropriation of the (transformed) subjectivities by the participants as separate (and yet interdependent) individuals.

This is achieved through an act of mutual recognition that is often mediated by the analyst's interpretation of the transference countertransference and the analysand's use of the analyst's interpretation.

Referências

- BION, W. R. (1952). Group dynamics: a review. In *Experiences in Group*. New York: Basic Books, 1959, pp. 141 192.
(1959). Attack on linking. *Int. J. Psychoanal.*, 40: 308 315.
(1962) *Learning from Experience*. London: Tavistock.
GROTSTEIN, J. (1981). Splitting and Projective Identification. New York: Jason Aronson. JOSEPH, B. (1987). Projective identification: some clinical aspects. In *Melanie Klein Today, Volume 1: Mainly Theory*. New York: Routledge, 1988, pp. 138 150.
HEGEL, G. W. F. (1807). *Phenomenology of Spirit*. A. B. Miller, trans. London: Oxford University Press, 1977.
KERNBERG, O. (1987). Projection, projective identification: developmental, clinical. *J. Am. Psychoanal. Assn.*, 35: 795 820.
KLEIN, M. (1946). Notes of some schizoid mechanisms. In *Envy and Gratitude and Other Works, 1946 1963*. New York: Delacorte, 1975, pp. 1 24.
(1955). *On identification*. In *Envy and Gratitude and Other Works, 1946 1963*. New York: Delacorte, 1975, pp. 141 175.
KOJÈVE, A. (1934 1935). *Introduction to the Reading of Hegel*. J. H. Nichols, trans. Ithaca: Cornell University Press, 1969.
MELTZER, D. (1966). The relation of anal masturbation to projective identification. *Int. J. Psychoanal.*, 47: 335 342.
(1978). *The Kleinian Development. Part III. The Clinical Significance of the Work of Bion*. Perthshire, Scotland: Clunie Press.

- OGDEN, T. (1978a) A development view of identifications resulting from maternal impingements. *Int. J. Psychoanal Psychother.*, 7: 486 507.
- (1978b). A reply Dr. Omston's discussion of "A developmental view of identifications resulting from maternal impingements". *Int. J. Psychoanal Psychother*, 7: 528 532.
- (1979). On projective identification. *Int. J. Psychoanal*, 60: 357 373.
- (1980). On nature of schizophrenic conflict. *Int. J. Psychoanal*, 61: 513 533.
- (1981). Projective identification and psychiatric hospital treatment. *Bull. Menn. Clin.*, 45:317 333.
- (1978a) Projective Identification and Psychotherapeutic Technique. New York: Jason Aronson.
- (1982b). Treatment of the schizophrenic state of non experience. In *Technical Factors in the Treatment of the Severely Disturbed Patient*. L. B. Boyer and P. L. Giovacchini, eds. New York: Jason Aronson, pp. 217 260.
- (1984). Instinct, phantasy and psychological deep structure: a reinterpretation of aspects of the work of Melanie Klein. *Contemp. Psychoanal*, 20: 500 525.
- (1985). The potential space. *Int. J. Psychoanal*, 66: 129 141.
- (1986). The Matrix of the Mind.. Object Relations and the Psychoanalytic Dialogue. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- (1988). On dialectical structure of experience: some clinical and theoretical implications. *Contemp. Psychoanal*, 24:17 45.
- (1989). The Primitive Edge of Experience. Northvale, N. J.: Jason Aronson.
- (1992). On the dialectically constituted/decentred subject of psychoanalysis. II. The contribution of Klein and Winnicott. *Int. J. Psychoanal*, 73: 613 626.
- (1994a). The analytic third working with intersubjective clinical facts. *Int. J. Psychoanal*, vol. 75, Part 1, in press.
- (1994b). The concept of interpretive action. *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 63, Part 2, in press.
- O'SHAUGHNESSY, E. (1983). Words and working through. *Int. J. Psychoanal*, 64:281 290.
- PICK, I (1985). Working through in the counter transference. In *Melanie Klein Today, Volume 2: Mainly Practice*. E. Spillius, ed. London: Routledge, 1988, pp. 34 47.
- ROSENFELD, H. (1952). Notes on the psychoanalysis of the superego conflict of an acute schizophrenic patient. *Int. J. Psychoanal*, 33: 11 131.
- (1971). Contribution to the psychopathology of psychotic states: the importance of projective identification in the ego structure and the object relations of the psychotic patients. In *Problems of Psychosis*. P. Doucet and C. Laurin, eds. Amsterdam: Excerpta Medica, pp. 115 128.
- (1987). *Impasse and Interpretation*. London: Tavistock.
- SEGAL, H. (1981). *The Work of Hanna Segal: A Kleinian Approach to Clinical Practice*. New York: Jason Aronson.

Thomas H. Ogden

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação na Revista de Psicanálise da SPPA.

* Membro Efetivo da American Psychoanalytic Association.